V CONBALF Políticas, Práticas e Resistências
CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

ESCRITA INVENTADA E ALFABETIZAÇÃO: interações entre crianças de 6 anos e o papel da mediação

Valéria Barbosa de Resende[1]
Tarsis Matarelle de Souza Dias[2]
Eixo temático 8: Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de intervenção desenvolvida com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, com escrita pré-silábica. O objetivo é analisar as contribuições do Programa de Escrita Inventada para a apropriação do sistema de escrita alfabética. Foram analisadas três sessões de escrita de palavras de um grupo e investigadas as verbalizações das crianças em contextos de interação. Os resultados mostram os tipos de verbalizações que as crianças apresentam para construir a escrita colaborativa, evidenciando as habilidades de consciência fonológica, de conhecimento de letras e o nível de conceitualização da escrita, que são pilares para a compreensão do princípio alfabético.
Palavras-chaves: Alfabetização de crianças; Escrita inventada; Consciência fonológica.

Introdução

Apesar da oportunidade de acesso à escola pública no ensino fundamental ter atingido um patamar próximo à universalização, mais da metade das crianças de 8 anos (55%) ainda se encontra em um “nível insuficiente”, ou seja, não são capazes de ler e compreender textos curtos e 33% das crianças brasileiras apresentam “proficiência insuficiente” na escrita,

[1]Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Faculdade de Educação – UFMG. Contato: valeriaresende2@gmail.com
[2] Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: tarsismatarelle@gmail.com

sendo que, desses, 14% não conseguem sequer escrever alfabeticamente (ANA, 2016). Para agravar ainda mais esse cenário, vivemos desde 2020 com a pandemia da Covid-19, que levou o fechamento das escolas, e segundo relatório do Banco Mundial (2021, p.8):

> No Brasil, em que 50 por cento dos alunos avaliados pelo PISA em 2018 apresentaram desempenho abaixo do nível básico de proficiência (não conseguiam ler e compreender um texto simples), as simulações indicam que essa proporção pode subir para 73 por cento como resultado do fechamento das escolas por 13 meses.

Considerando os desafios da alfabetização que foram agravados pela pandemia, e visando contribuir para minorar as "perdas de aprendizagem" e ajudar as professoras alfabetizadoras a compreender e mediar o processo de apropriação do princípio alfabético, vamos apresentar alguns resultados de uma pesquisa de intervenção[3], realizada em 2018, com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Belo Horizonte. Nessa escola, a preocupação da professora era justamente com as crianças que apresentavam pouco avanço em suas hipóteses de escrita. Os diagnósticos realizados com as crianças, nos meses de março e junho de 2018, mostraram que elas operavam com a hipótese pré-silábica, ou seja, após 4 meses de ensino sistemático, as crianças ainda não estabeleciam correspondência entre escrita e pauta sonora (Tabela 1).

A partir dessa constatação foi elaborado um "Programa de Escrita Inventada", com a intenção de identificar as interações entre as crianças frente aos desafios apresentados pela pesquisadora (mediadora), na escrita de palavras. O Programa de Escrita Inventada se enquadra em um tipo de pesquisa de intervenção, que pretende promover situações em que as crianças possam demonstrar suas hipóteses sobre a escrita de palavras e debater suas ideias com seus pares, tendo o pesquisador como mediador (ALVES MARTINS, 2018).

Tabela 1: Diagnóstico inicial

	BOTA	DADO	VILA	PIA	MODA	FADA	MAPA	DAVI	PULA
Amanda	OUVA	DAZ	IAUA	AIAUV	ANLMA	ANIU	ANUM	AMXVZ	ANU
Dênis	BERA	LEPA	LAIE	RIAR	OSPA	ALAE	LAQA	ILHE	ULAL
Kauan	AEDO	OES	IAOE	EOIO	ADDS	IOSASI	IEIHIU	IOHUHOI	OHIUHBIUHE
Cézar	TALEOT	DEHOI	CAOHIO	CIHLIT	CEOI	SHOIO	XAOI	OHOI	CHIO

[3] Trabalho de conclusão de curso de autoria de Tarsis Matarelle de Souza Dias, intitulado "A apropriação do princípio alfabético por crianças de 6 anos: contribuições do Programa de Escrita Inventada", apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais, em outubro de 2020, sob a orientação da Profa. Dra. Valéria Barbosa de Resende.

Fonte: Banco de dados da pesquisa (2018).

Fundamentação teórica

Na década de 70, Charles Read identificou o papel relevante das tentativas da criança em escrever sozinha, dando origem ao conceito de *escrita inventada,* que foi definido, pelo referido autor, como as escritas das crianças antes do aprendizado e domínio das correspondências fonema-grafema. A partir desse conceito, Alves Martins e colaboradores (2009, 2015, 2017, 2018) elaboraram Programas de Escrita Inventada, esses programas seguem uma metodologia que se assenta na mediação do adulto a partir da indagação. Essas investigações têm evidenciado que:

> ao induzir práticas de reflexão metalinguística, a promoção de atividades de escrita inventada potencia a compreensão de que as palavras são divisíveis em segmentos orais menores aos quais correspondem diferentes marcas gráficas, levando a uma sofisticação das produções escritas das crianças e à assimilação de competências fundamentais à aquisição da literacia: conhecimento de letras, consciência fonológica, conhecimento ortográfico e capacidade linguística (ALVES MARTINS, 2018, p.343).

Ainda sobre Escrita Inventada, Magda Soares em seu livro “Alfabetização – A questão dos métodos”, publicado em 2016, apresenta uma revisão dos estudos sobre as pesquisas de escritas inventadas e afirma que: “embora a prática de escritas inventadas seja bastante difundida no Brasil, parece não haver pesquisas que analisem e avaliem resultados de mediações pedagógicas em escritas inventadas de crianças falantes do português brasileiro” (p.246).

Entende-se que o Programa de Escrita Inventada está fundamentado em teorias e princípios que focalizam as operações cognitivas da escrita das crianças em contextos de interação. A promoção da interação entre as hipóteses de escritas das crianças sob a mediação do adulto, pode contribuir para a aprendizagem inicial da escrita.

Os fundamentos do programa estão ancorados nas perspectivas interacionista e sociointeracionista. A perspectiva interacionista é representada pelos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999, 2011), que se embasaram nas descobertas de Jean Piaget sobre os estágios universais do desenvolvimento humano. As referidas autoras investiram na origem, ou na gênese da aquisição da escrita e realizaram estudos longitudinais com crianças de 4 a 6 anos, cujos resultados culminaram na elaboração da Psicogênese da língua escrita, que descreve e analisa o processo de conceitualização da escrita o qual a criança percorre até compreender o princípio alfabético.

Em Vigotski, compreendemos que a escrita é uma linguagem que não é adquirida de forma natural e linear, como postulado pelo behaviorismo, mas é sistematizada durante o processo de escolarização quando são criadas oportunidades de trocas significativas entre

criança-adulto e criança-criança. O autor determina dois níveis – real e potencial - para o desenvolvimento das crianças: o *nível de desenvolvimento real* refere-se ao que a criança já sabe realizar sozinha, com domínio e autonomia, aquilo que ela já conquistou e consolidou, ou seja, é o "nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados" (VIGOTSKI, 1998, p.111). Já o *nível de desenvolvimento potencial* é sua capacidade de solucionar problemas somente com a ajuda de um adulto ou par mais capaz, onde ainda não há autonomia e domínio das funções exigidas (VIGOTSKI, 1998, p.112).

Nesta direção, o professor é chamado a realizar intervenções de modo a fazer emergir a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) e promover avanços em seus aprendizes, no sentido de estimular habilidades cognitivas que permitam à criança pensar e agir sobre a língua escrita, primeiro com apoio do adulto até adquirir autonomia e se apropriar das propriedades do sistema.

Metodologia

Para este estudo, foi selecionado um grupo[4] composto por três meninos e uma menina, com idade de 6 anos, oriundos de uma mesma sala de aula. A pesquisa foi desenvolvida em quatro etapas: I) Diagnóstico inicial; II) Sessões do Programa de Escrita inventada; III) Diagnósticos após o programa e IV) Diagnóstico final (após 3 meses do desenvolvimento do programa).

Os diagnósticos foram realizados individualmente, primeiro era solicitada a leitura e, logo em seguida a escrita de 9 palavras dissílabas, sendo sete com estrutura CV e uma CVV. Em todos os diagnósticos foram mantidas as mesmas palavras para facilitar a comparação e análise dos avanços das hipóteses de escrita.

O Programa de Escrita Inventada foi organizado em oito sessões com a duração de 15 a 20 minutos cada. As sessões foram realizadas nos meses de julho e agosto, em uma sala de aula disponibilizada pela escola. Foi denominado o termo "episódio das sessões" para cada palavra proposta para escrita coletiva. A mediadora propunha que as crianças interagissem, pensassem, argumentassem e trocassem ideias a respeito da escrita das palavras. Após a reflexão metalinguística das crianças, o registro das palavras era feito pela pesquisadora de acordo com as verbalizações e acordos do grupo. Em seguida, era

[4] Os dados utilizados fazem parte da pesquisa principal intitulada "A mediação na escrita inventada de palavras compostas por sílabas CCV e CVC por crianças que apresentam hipóteses silábico-alfabética e alfabética", aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CoEP) em 2018 (número do parecer: 2.912.542), sob a coordenação da Profa. Valéria Barbosa de Resende e auxiliar de pesquisa Tarsis Matarelle de Souza Dias.

apresentada a escrita convencional da palavra, alegando ter sido produzida por crianças de outra escola com a mesma idade, e a partir dessa situação, a pesquisadora solicitava às crianças contrastar as escritas e decidir qual seria a correta, do ponto de vista delas. Todas as sessões e diagnósticos foram filmados por dois ângulos distintos.

Resultados e Discussão

Para alcançar os objetivos propostos neste artigo, optou-se por analisar três episódios do Programa de Escrita Inventada envolvendo sessões inicial, intermediária e final. A seguir, apresentaremos o primeiro episódio do Programa com a escrita da palavra DEDO (sessão inicial).

Tabela 2: Fragmento das interações da sessão inicial (palavra DEDO)

1	Mediadora	Qual a letra que vamos colocar para escrever DEDO?
2	Crianças	*D*
3	Dênis	*D de Dênis*
4	Kauan	*D de Daniela*
5	Mediadora	E para escrever DEDO é só o D?
6	Crianças	*Não*.
7	Mediadora	Qual outra letra?
8	Amanda	DEDO.
9	Amanda	Do, do. Do.
10	Dênis	do, do.
11	Dênis	O
12	Kauan	Acho que tem A.
13	Mediadora	Tem A?
14	*Amanda*	*Não.*
15	Kauan	D
16	Mediadora	Outro D?
17	*Amanda e Cézar*	*Sim.*
	Mediadora	[Faz o registro: DD]
18	Mediadora	Está escrito DEDO?
19	César	Acho que tem outro D.
20	Amanda	Não. DE-DO [Conta a sílabas usando os dedos]
21	*Dênis e Amanda*	*É o O.*
22	*Cézar*	*Acho que é um T.*
23	*Dênis*	*Dois D e um O.*
24	*Amanda*	*É.*
25	Mediadora	[Faz Registro: DDO]

Fonte: Banco de dados da pesquisa (2018).

A partir da análise das interações do fragmento da escrita da palavra DEDO (tabela 2), é possível identificar vários elementos que se repetem nos demais episódios. As interações construídas entre a pesquisadora/mediadora e as crianças permitiram categorizar as verbalizações das crianças, que criam interações entre si e em resposta às mediações intencionais da pesquisadora. Essas interações são *verbalizações* que funcionam como

"estímulo especial para o tratamento "explícito consciente verbal" de unidades orais (e gráficas) das palavras" (Morais, 2019, p.155). A partir das transcrições das sessões e baseado nos estudos de Soares (2016), Albuquerque e Alves Martins (2019), Morais (2019), Monteiro e Martins (2020), foi possível identificar cinco tipos de verbalizações recorrentes:

I) Pronunciar a palavra e as sílabas que compõem a palavra: a criança se apoia na pauta sonora da palavra e em sua segmentação silábica para direcionar sua atenção aos sons da fala e sua relação com os grafemas. O fragmento da Tabela 2 exemplifica como as crianças buscavam identificar uma letra a partir da pronúncia da palavra e das sílabas que compõem a palavra. as crianças afirmam que não seria possível escrever a palavra DEDO apenas com a letra D. Então, para avançar na construção da escrita, Amanda pronuncia a palavra DEDO e, em seguida, direciona sua atenção para a sílaba final. Na sequência, Dênis também pronuncia a sílaba final e, opera com a hipótese silábica de escrita, em que basta escrever a letra O para representar a sílaba DO.

II) Identificar Letras: a criança indicava as letras para a construção da escrita da palavra. Foram identificadas 3 situações: 1) identificar letras sem correspondência sonora há (linhas 12 e 19); 2) identificar letras com correspondência sonora (linhas 2, 15, 21; 3) Apoiar-se *em outras palavras para identificar a letra* (linhas 3 e 4).

III) Concordar ou Discordar de uma verbalização: como as crianças estão em interação entre si, elas apresentam verbalizações de concordância ou discordância de ideias dos colegas no processo de construção colaborativa de escrita das palavras. Algumas dessas verbalizações eram seguidas de argumentos e outras não (linha 20).

Quando as crianças argumentam concordando ou discordando das ideias dos colegas do grupo, elas estão realizando uma análise fonológica explícita sobre a escrita das palavras. Durante as sessões, ficou demonstrada a relação entre esses tipos de verbalizações com o avanço na tomada de consciência das habilidades de manipulação dos sons da fala. Nesse sentido, Morais (2019, p. 58) afirma que "o tipo de verbalização avança à medida que a criança evolui numa habilidade de consciência fonológica" e que "estimular as crianças a verbalizar, a justificar o que estão pensando ao comparar palavras ou escrevê-las é, sim, um ótimo recurso para promover a tomada de consciência" (p.155). Isso não significa que as crianças que não argumentam sobre o porquê de suas concordâncias ou discordâncias não estejam pensando ou internalizando os conceitos postos no grupo; elas podem estar tomando consciência e ainda não conseguir argumentar sobre suas hipóteses.

IV) Estabelecer relações grafofônicas na leitura de verificação: após a conclusão da escrita inventada das palavras, as crianças liam os registros produzidos pelo grupo ou os registros dos grupos hipotéticos (escrita convencional). Essa leitura era baseada em: 1) identificação das letras (as crianças apontavam sobre as letras que estavam lendo); 2)

identificação dos segmentos silábicos; e 3) verificação da palavra, permitindo, assim, que as crianças confirmassem, ou não, as suas ideias sobre a escrita das palavras.

Embora as crianças não decifrassem convencionalmente as palavras, elas já apresentam intenso trabalho cognitivo ao relacionar letras (vogais ou consoantes) com as partes das palavras (sílabas). Isso requer atenção e memória, além de possibilitar que as crianças avancem em suas concepções sobre a escrita.

V) Comparar escritas: as crianças realizam verbalizações de comparação entre as escritas produzidas coletivamente e a escrita convencional. Nem sempre essas verbalizações apresentavam reflexões fonológicas explícitas, mas auxiliaram para que o pensamento do grupo avançasse na construção da escrita. Além de possibilitar às crianças a compreensão das relações entre os sons e os grafemas que os representam, ou seja, também são verbalizações que auxiliam a apropriação do princípio alfabético. É importante ressaltar que partir de algumas sessões, as crianças percebem que a escrita hipotética é a escrita convencional e a comparação vai na direção de indicar quais letras acertaram, ou seja, já internalizaram que a escrita produzida por eles está incorreta.

Nos diferentes tipos de verbalizações que as crianças apresentam para construir a escrita colaborativa, elas mobilizam habilidades de consciência fonológica, de conhecimento de letras e as diferentes hipóteses de escrita, que são pilares para a compreensão do princípio alfabético. Dessa forma, a metodologia do Programa de Escrita Inventada contribuiu para que as crianças avançassem e iniciassem o processo de fonetizacão da escrita (escritas silábicas e silábico-alfabéticas).

Considerações Finais

Para alcançar o princípio alfabético, a criança precisa tornar-se consciente da segmentação da palavra em sílabas, representá-las com letras, incialmente usando quaisquer letras, mas em número correspondente à quantidade de sílabas da palavra, em seguida usando para cada sílaba uma letra (ou grafema) que corresponda a um dos fonemas da sílaba, adquirindo finalmente condições para tornar-se sensível a fonemas e então escrever alfabeticamente (Soares, 2016, p.188).

A partir das análises das sessões do programa, ficou evidente que as crianças tratavam as unidades orais das palavras de forma explícita e consciente, e a partir de suas verbalizações foi possível categorizá-las da seguinte forma: *pronunciar a palavra ou as sílabas que compõem a palavra*, *identificar letra*, *concordar ou discordar de uma verbalização, estabelecer relações grafofônicas na leitura de verificação* e *comparar escritas*.

Com a análise das verbalizações nas interações , foi possível capturar a lógica do pensamento infantil e demostrar *como a criança aprende a língua escrita*: aprendem em contextos interativos com o outro que é mais capaz– adultos ou pares de idade-; aprendem a partir da manipulação consciente dos segmentos sonoros das palavras (sílabas, rimas e aliterações), em diferentes posições da palavra (início, meio e fim); aprendem de acordo com a qualidade e a diversidade das intervenções pedagógicas do adulto; aprendem quando é possível que elas verbalizem suas concepções sobre o sistema de escrita; e aprendem quando as práticas pedagógicas respeitam seus níveis cognitivos e linguísticos.

Apesar de a pesquisa ter limitações quanto ao número de crianças investigadas, acredita-se que esta metodologia de intervenção pode ser incorporada às práticas das professoras alfabetizadoras, ao valorizar a criação de contextos pedagógicos em que as crianças sejam estimuladas não só a verbalizarem suas hipóteses sobre o sistema de escrita, mas também a estarem em constante interação com seus pares de idade. Dessa forma, avanços serão conquistados por elas, durante o processo de apropriação do sistema de escrita alfabética.

Referências

ALVES MARTINS, M. & ALBUQUERQUE, A. **Escrita inventada no jardim-de-infância: contributos para a aprendizagem da leitura e escrita.** Aná. Psicológica [online], vol.36, n.3, p.341-354, 2018.

ALVES MARTINS, M & MONTEIRO, S.M. **Relação entre níveis conceituais de escrita e estratégias de reconhecimento de palavras.** Educação em Revista, 2020.

PAFFHAUSEN, Anna Luisa; BACALHAU, Priscilla Velloso Da Silveira; LOUREIRO, Andre. **Acesso a Atividades Escolares no Brasil Durante a Pandemia com Base na PNAD COVID-19 : Julho a Novembro de 2020** (Portuguese). Washington, D.C.: BANCO MUNDIAL. 2021. Disponível em: http://documents.worldbank.org/curated/en/424991622008384324/Acessoa-AtividadesEscolares-no-Brasil-Durante-a-Pandemia-com-Base-na-PNAD-COVID-19-Julho-a-Novembro-de 2020.

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2011.

MONTEIRO, S. M., MONTUANI, D. B. & MACÊDO, A. C. **A escrita inventada em contextos de produção com e sem mediação pedagógica.** Revista Brasileira de Alfabetização. Belo Horizonte, v.1, nº9. p. 210 - 231. jan./jun, 2019.

MORAIS, A. G. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

RESENDE, V. B. & MONTUANI, D. B. **A mediação pedagógica na escrita inventada de crianças no processo de alfabetização: palavras com estrutura silábica CVC e CV nasal.** Educação em Revista [online]. vol.36, 2020.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos.** São Paulo: Contexto, 2016.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.